



Arquitetar Futuros:

EDUCAR, LIDERAR E TRANSFORMAR

Formação Docente em 3D
cultura da escola, competência e gestão do
fazer pedagógico
Débora Vaz

PATROCÍNIO DIAMOND



REALIZAÇÃO



Acusações levantadas contra a escola

- Caquética
- Desatualizada
- Desinteressante
- Ineficaz
- Violenta
- ...

“À luz das acusações levantadas contra a escola, não é de estranhar que muitos tenham levantado a questão da necessidade ou não de reformá-la radicalmente. A lista de reformas é longa: a escola deve se tornar mais centrada no aluno, se esforçar para desenvolver o talento, ser mais sensível ao mercado de trabalho e ao ambiente social de forma a motivar e atender ao bem-estar dos alunos, oferecer educação baseada em evidência, o que é mais eficaz e pode contribuir para a igualdade de oportunidades de uma forma real, etc”.

J. Masschelein e M. Simons *in Em defesa da escola* – Ed. Autêntica

Modelo escolar consolidado

Edifícios construídos especificamente para serem escolas, nos quais os alunos cumprem um horário escolar e, durante esse tempo, vivem numa instituição à parte da sociedade;

Estes edifícios têm diferentes arquiteturas, mas, no essencial, são concebidos em torno de salas de aula, de dimensões normalizadas e com idêntica disposição espacial (carteiras escolares organizadas em filas, viradas para um quadro negro); - Os alunos estão agrupados em turmas, regra geral entre 25 e 35 alunos, sentados em carteiras, e têm como atividade principal escutar, em silêncio, as aulas dadas pelos professores;

Os professores têm como obrigação principal dar as aulas previstas no programa, habitualmente com a duração de uma hora, a partir do “secundário” como professores de uma disciplina específica;

O currículo está organizado por disciplinas, sobretudo a partir do “secundário”, e os alunos devem ser avaliados em função do programa que foi leccionado

António Nóvoa in Escolas e Professores: proteger, transformar e valorizar, SEC/Salvador

A Metamorfose da Escola

Num texto notável publicado no jornal francês Le Monde, em 2010, Edgar Morin refere-se ao sistema Terra em termos que são totalmente pertinentes para pensar também o sistema Escola: “Quando um sistema é incapaz de tratar dos seus problemas vitais, degrada-se, desintegra-se ou então é capaz de suscitar um meta- sistema capaz de tratar dos seus problemas: metamorfoseia-se. (...) O provável é a desintegração. O improvável, mas possível, é a metamorfose. (...) Hoje, tudo deve ser repensado. Tudo deve ser recomeçado. Já existe, em todos os continentes, um fervilhamento criativo, uma série de iniciativas locais, no sentido da regeneração económica, ou social, ou política, ou cognitiva, ou educacional, ou ética, ou da reforma da vida. Estas iniciativas não se conhecem entre si, mas são o viveiro do futuro. (...) Já não chega denunciar, é preciso enunciar.”

António Nóvoa in *Escolas e Professores* António Nóvoa in *Escolas e Professores: proteger, transformar e valorizar*, SEC/Salvador

A reinvenção da escola como forma de defesa

A lógica vai soar como um canto do cisne - ou pior, um plano conservador para restaurar o passado no futuro. A nossa formulação é bastante simples a esse respeito: a escola é uma invenção histórica e pode, portanto, desaparecer. Mas isso também significa que a escola pode ser reinventada, e é precisamente isso o que vemos como nosso desafio e, como esperamos deixar claro, a nossa responsabilidade no momento atual. Reinventar a escola se resume a encontrar formas concretas no mundo de hoje para fornecer "tempo livre" e para reunir os jovens em torno de uma "coisa" comum, isto é, algo que aparece no mundo que seja disponibilizado para uma nova geração. Para nós, o futuro da escola é uma questão pública - ou melhor, com essa apologia, queremos torná-la uma questão pública. Por essa razão, não assumimos a voz de advogados especializados, mas sim a de porta-vozes interessados.

J. Masschelein e M. Simons *in*
Em defesa da escola – Ed.
Autêntica

QUAIS AS FUNÇÕES DA ESCOLA QUE DEVERÍAMOS PRESERVAR?

- Agência civilizatória de larga escala;
- Agência Social de formação de conhecimento de gerações;
- Responsável pela formação da capacidade de pensar e pesquisar;
- Lugar de humanizar-se, pela aceitação das diversidades, pela compreensão das diferenças e do processo de aprendizagem de cada um por meio da convivência;
- A escola, a sala de aula é um lugar público. O particular se converte em comum, onde qualquer matéria, qualquer coisa, qualquer mundo se abrem e não são propriedade de ninguém, e sim de todos, convertidas em “bem comum”

EM SÍNTESE

Ela é instituída para criar gerações que pensem, se comuniquem, se instruem para escrever, para ler, criticar, propor, desenvolver o pensamento científico e tecnológico e serem motivadas e instrumentalizadas para sempre saberem estudar!

Profs. Fernando de Almeida e Maria da Graça Moreira

Qual o sentido de existência e de valor do professor?

“Como entender a desvalorização subjacente ao eufemismo perverso que chama o professor de facilitador, orientador de estudos, coach, tutor, como se fosse a dignificação total, espetacular e valorativa final da função de professor? Tal dignificação é falsa! Precisa-se combatê-la como agregadora de valor e, indo além, desmascarar a perversidade embutida em tais caracterizações do trabalho do professor. A lógica perversa é a de fazer desaparecer o conceito de ensino... Ninguém mais ensina ninguém! Desaparece, então, a função docente. Caberá exclusivamente - de agora em diante - à Google, Facebook, Microsoft, Alphabet ensinar. A tarefa de docência será delas? Mas não só ensinar às pessoas, mas a todas as civilizações, sociedades, grupos, indivíduos, abrindo-lhes as novas ideias e atribuindo-lhes (pior ainda!) significados e valores? Paulo Freire treme no túmulo: seu aforismo, "Os homens aprendem mutuamente mediatizados pela realidade", acabou-se! A realidade foi para o brejo!”

Fernando José de Almeida in Licença para criticar – Editora Cajuína

Formação Identitária do Professor

E um processo de construção e desconstrução, formação e deformação, um movimento em que o docente assume formas identitárias, via processo de identificação e não-identificação com as atribuições que lhe são dadas por si mesmo e pelos outros com quem se relaciona. Nesse movimento, há constantes atos e sentimentos de pertença e não-pertença, estreitamente relacionados à subjetividade, à memória, a processos metacognitivos, aos saberes e experiências de pessoas singulares e do grupo.

Segundo Dubar (1997), o que caracteriza o processo de construção de formas identitárias é uma tensão constante entre a atribuição e a pertença, ou seja, há um jogo de forças entre o que nos dizem que somos, como nos identificam, e o que sentimos e pensamos que somos, como nos definimos e nos identificamos.

Vera Placco e Vera
Trevisan (orgs)
em *Aprendizagem do
adulto professor*, Pág. 21

Para planejar em tempos complexos deveríamos trabalhar para nos constituir como:

- Aquele que promove a discussão sobre a escola: entre permanências e transformações;
- Leitor das marcas identitárias da Instituição Escolar e das marcas identitárias de cada Escola;
- Leitor e Intérprete dos cenários e das tensões presentes na educação e na unidade escolar;
- Defensor do legado e organizador das reflexões sobre mudanças;
- Responsável pela garantia da proposta de formação para a escola;
- Corresponsável pelo planejamento e implementação dos mapas de defesa, transformação, renovação e reinvenção do projeto;

Competências profissionais dos professores alfabetizadores

As competências relacionadas a seguir referem-se ao trabalho de alfabetização e, portanto, espera-se que progressivamente sejam desenvolvidas pelos professores que alfabetizam crianças, jovens e adultos. Para que os alunos possam ter assegurado o seu direito de aprender a ler e escrever, é preciso que os professores se tornem cada vez mais capazes de:

- Encará-los como pessoas que precisam ter sucesso em suas aprendizagens para se desenvolver pessoalmente e para ter uma imagem positiva de si mesmos, orientando-se por esse pressuposto;
- Desenvolver um trabalho de alfabetização adequado às necessidades de aprendizagem dos alunos, acreditando que todos são capazes de aprender;
- Reconhecer-se como modelo de referência para os alunos: como leitor, como usuário da escrita e como parceiro durante as atividades;
- Utilizar o conhecimento disponível sobre os processos de aprendizagem dos quais depende a alfabetização, para planejar as atividades de leitura e escrita;

- Observar o desempenho dos alunos durante as atividades, bem como as suas interações nas situações de parceria, para fazer intervenções pedagógicas adequadas;
- Planejar atividades de alfabetização desafiadoras, considerando o nível de conhecimento real dos alunos;
- Formar agrupamentos produtivos de alunos, considerando seus conhecimentos e suas características pessoais;
- Selecionar diferentes tipos de texto, que sejam apropriados para o trabalho;
- Utilizar instrumentos funcionais de registro do desempenho e da evolução dos alunos;
- Responsabilizar-se pelos resultados obtidos em relação às aprendizagens dos alunos.

Programa de
formação de
professores
alfabetizadores,
págs. 9 e 10



“Antes de mais nada, exigir-se-á do professor a honestidade profissional. Quem lida com os espíritos deve ser um homem de inteira confiança. Os pais precisam ter certeza, quando matriculam seus filhos em determinado estabelecimento, que os entregam a pessoas idôneas que não tentarão solapar sua alma.”

(A Escola Moderna - uma experiência brasileira: O Colégio Santa Cruz, 1973)